

IRONIA NO JORNALISMO: ESTUDO DE RECEPÇÃO APLICADA À REPORTAGEM “A MILÉSIMA SEGUNDA NOITE DA AVENIDA PAULISTA”

Júlia Jorge Firmino (IC) e Marcelo José Abreu Lopes (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A teoria das mediações culturais desenvolvida por Jesús Martín-Barbero vai contra as principais fundamentações da escola da Frankfurt, das teorias funcionalistas e marxistas. Seu propósito é evidenciar o receptor no processo de comunicação, compreendendo os processos, filtros e a bagagem cultural utilizada por cada leitor na criação do sentido do texto. Através desse conceito, o objetivo do presente artigo é compreender como se dá o processo de compreensão da ironia aplicado ao jornalismo na reportagem “A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista”. A verificação da compreensão da ironia aconteceu por meio de entrevistas realizadas com cinco universitários na faixa etária entre 18 e 24 anos, que fizeram a leitura do texto proposto e, seguindo o roteiro de entrevista, explanaram seus pontos de vista em relação a interpretação, ironia e temática abordada. A análise das entrevistas, seguindo o critério de observação de como a mensagem foi recepcionada, quais filtros, peneiras e vivências foram utilizadas na absorção do conteúdo apresentado resultou na compreensão particular de cada um dos entrevistados, apresentando convergências com relação a pontos como o uso da ironia aliado ao humor, a forma como a reportagem realiza uma crítica à própria imprensa e como o entrevistado se posiciona no mundo apresentado na reportagem, mesmo nos dias atuais, validando a teoria das mediações culturais.

Palavras-chave: Estudo de recepção. Ironia. Reportagem.

ABSTRACT

The theory of cultural mediations developed by Jesús Martín-Barbero goes against the main foundations of the Frankfurt school, the functionalist and Marxist theories; his purpose is to evidence the receiver in the communication process, understanding the processes, filters and cultural baggage used by each reader in the creation of the meaning of a text. Through this concept, the objective of this article is to understand how is the process of assimilation the irony applied to journalism in the feature “A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista”. The verification of the understanding of the irony happened through interviews with five university students in the age group between 18 and 24 years old, who read the proposed text and following the interview script explained their points of view regarding the interpretation, irony and thematic addressed. The analysis of interviews, following the criterion of observation of

how the message was received, which filters and experiences were used in the absorption of the presented content resulted in the singular understanding of each one of the interviewees, presenting convergences in relation to some points, such as the use of the irony allied with humor, how the feature criticizes the press itself and how the interviewee positions themselves in the world presented in the article, even today, validating the theory of cultural mediations.

Keywords: Reception study. Irony. Feature.

1. INTRODUÇÃO

A combinação de palavras pode interferir em alguns conceitos básicos do jornalismo: mediação e pluralidade. A ironia é um recurso linguístico que consiste em dizer o contrário do que se pretende dizer, satirizar, propor uma crítica ou questionar certo tipo de pensamento.

Dessa forma, através da teoria das mediações culturais é possível saber como a ironia aplicada ao jornalismo é compreendida pelo grupo alvo entrevistado. O sentido de ambiguidade provocado por este recurso possui nuances, e na temática levantada de crítica à mídia e ao tratamento dado a diferentes classes sociais, levantam questionamentos sobre como esse pensamento é proposto pelo autor do texto e como ele é recebido pelo leitor e o uso de quais elementos que apropriados por ele constroem esse sentido, cada um identificando a ironia a sua maneira.

Este artigo tem como objetivos aplicar os conceitos da teoria das mediações culturais para realizar um estudo de recepção de maneira a compreender como se deu a interpretação da ironia, por quais mediações pessoais este texto foi submetido e por fim a pluralidade de seus resultados, comprovando as teorias de Martín-Barbero (2002) que rejeitam as suposições do receptor ser apenas uma “esponja” da informação, possuindo voz ativa no paradoxo da comunicação e interpretação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria das mediações culturais, elaborada por Jesús Martín-Barbero no final da década de 1980, utiliza uma abordagem cultural antropológica sem extremismos. O receptor não é apenas uma “esponja da informação”, letárgico em meio a uma sociedade de massas. Através das mediações e dos filtros cada receptor em específico, tem uma maneira de interpretar a mensagem.

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 55)

As preposições de Barbero surgem em um cenário onde as principais teorias de comunicação pertenciam à escola de Frankfurt, cuja as teorias foram elaboradas sobre um contexto de guerra, em uma sociedade que passava por um “estado de exceção”. São diversos os fatores que podem culminar em conflitos mundiais, porém, sua combinação pode ser considerada extraordinária, já que se tratando de guerras de proporções mundiais, até hoje, o mundo só conheceu duas.

Isso pode ser observado nas teorias funcionalistas, da cultura de massas e da indústria cultural, as quais foram pensadas do ponto de vista da superestrutura ou baseadas em generalismos que ignoravam a função do receptor no caminho da mensagem; sendo, assim, responsáveis pela criação de instituições e estruturas presentes até hoje no mundo da comunicação, como a indústria cultural, o popular e o erudito e a massificação de elementos culturais, vista de forma pejorativa, muitas vezes.

A criação do “mito das massas”, surge também como um dos reflexos da Revolução Industrial, a qual não impactou apenas o sistema econômico, mas também na organização da sociedade quanto à divisão social do trabalho e às relações de classe que viriam a se estabelecer.

Por volta de 1835 começa a ser gerada uma nova concepção do papel e do lugar das multidões na sociedade, concepção que esconde sem dúvida, em suas entrelinhas, rastros evidentes do “medo das turbas” e do desprezo que as minorias aristocráticas sentem pelo “sórdido povo”. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 52)

De forma mais pessimista e pejorativa, o que é produzido pelas massas ou o que é destinado a elas, em termos de cultura, é visto como inferior, alienante ou não digno de reflexão, talvez, como apontado por Barbero, por conta do “medo das turbas”.

A denominação do popular fica assim atribuída à cultura de massa, operando como um dispositivo de mistificação histórica, mas também propondo pela primeira vez a possibilidade de pensar em positivo o que se passa culturalmente pelas massas. E isto constitui um desafio lançado aos “críticos” em duas direções: a necessidade de incluir no estudo popular não só aquilo de que se alimentam; e de pensar o popular na cultura não como algo limitado ao que se relaciona com seu passado [...] mas também e principalmente como algo ligado à modernidade, à mestiçagem e à complexidade do urbano. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 70)

Ao mesmo tempo em que a cultura de massa apresenta esse caráter assimétrico e polarizado, ela também é indicadora de como as massas se comportam: uma nova abordagem na teoria comunicacional da recepção abre espaço para que os indivíduos sejam considerados no paradigma da comunicação. Assim, o que era antes o ponto de chegada, torna-se o de saída.

Considerando-se os filtros e as mediações na leitura e na compreensão do texto, o ato de interpretação, seja do conjunto de palavras que foram escolhidas pelo autor envolvidas pelo contexto, seja por tentar decifrar possíveis ambiguidades – ou por simplesmente ler e absorver uma mensagem, de acordo com Umberto Eco –, provocam efeitos diversos:

As palavras trazidas pelo autor são um conjunto um tanto embaraçoso de evidências materiais que o leitor não pode deixar passar em silêncio, nem em barulho [...]. Interpretar um texto significa explicar por que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas. (ECO, 2005, p.28)

Para Eco, a própria linguagem também é mediadora de si. As palavras causam efeitos, mudam de acordo com a época, podem se tornar eufemísticas, suprimidas, cair em desuso, representar uma época mais antiga, serem, até mesmo, neologismos, porém, no ato da interpretação, não se considera apenas o efeito das palavras, mas também por quais filtros sociais ela irá passar até chegar às considerações finais.

Toda a linguagem é sempre desvio, não a uma realidade ou a uma essência exterior a ela própria, da qual ela fosse um ser menor ou uma epifânica/epifenoménica manifestação e que, por isso, servisse de mediadora e calçasse as sandálias voadoras de um Hermes incumbido de transportar mensagens entre soberanos deuses, mas, bem pelo contrário, a linguagem é sempre desvio a ela própria, mediando-se a si própria. (ESTEVES, 2009, p.12)

A interpretação não está necessariamente ligada a uma teoria radical de que para um texto existe apenas uma única interpretação que seria a "correta", que, por consequência, seria condizente com as intenções do autor. Segundo Eco, buscar as intenções do autor seria inútil, como se o produto fosse inseparável de quem o escreveu. O papel do leitor está muito mais atrelado a relação de seu contexto com o escrito do que com as intenções do autor, mesmo que supostamente.

A intenção do texto não é revelada pela sua superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido de carta roubada. É preciso querer "vê-la". Assim é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor. A iniciativa do leitor consiste basicamente em fazer uma conjectura sobre a intenção do texto. (ECO, 2005, p.75) Dessa forma, a revelação de um texto, e como citado anteriormente de uma ironia, depende da participação do leitor referente ao modo como a mensagem será revelada, como o sentido foi construído e com base em quais conhecimentos se dá essa revelação.

Uma mensagem, independentemente da mídia que a transmite, é construída em torno de significados e de signos que a constituem. No caso jornalístico, a mediação entre primeira e segunda realidade. "Uma coisa é a significação da mensagem e outra, aquilo que alude ao pragmático quando faz a pergunta pelo sentido que tem o receptor: a ação de ouvir rádio ou de ver televisão" (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 19). A interpretação dessa construção é livre ao receptor, que faz uso da mensagem de acordo com seus interesses e filtros particulares.

A partir deste pensamento, temos o objetivo de um estudo de recepção que sai pela tangente de um cientificismo e de uma chantagem cultural para "investigá-los a partir das

mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais. Daí suas três partes - a situação, os processos, o debate". (MARTÍNBARBERO, 2008, p. 29).

O sujeito se torna ativo no processo comunicacional, o qual reconhece o contexto, processa a informação e leva ao debate dos sentidos da mensagem. O consumo informacional não é apenas reprodução de um sistema ideológico, mas sim um lugar de produção de sentidos que contrapõe diretamente um sistema etapista de entender o paradigma da comunicação, qual se encontra em um modelo que:

Definida como "transmissão de informação", a comunicação encontrou nessa teoria a referência de conceitos precisos, delimitações metodológicas e inclusive propostas operacionais, tudo isso com o aval da "seriedade" das matemáticas e o prestígio da cibernética capazes de oferecer modelos até para a estética. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 282)

O modelo matemático e padronizado não encontra lugar em um estudo de recepção. Mesmo que a formulação da mensagem ainda se dê no esquema tradicional do emissor que destina algo a um receptor, a construção de sentido não parte daquele que produziu a mensagem, mas sim daquele que a recebeu, relacionou, interpretou e relativizou aquilo que foi apresentado a ele como uma mensagem:

Lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 292)

A verdade deixa de ser homogênea, a assimetria e a crise integram o sistema de recepção justamente para dar protagonismo ao sujeito e mostrar que as amarras da indústria cultural são na realidade bem frouxas em relação à interpretação dos sentidos. "Não se trata apenas de medir a distância entre as mensagens e seus efeitos, e sim de construir uma análise integral do consumo, entendido como o conjunto dos processos sociais de apropriação de produtos" (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 292).

Em um texto escrito, por exemplo, as palavras são interpretadas e a possibilidade de ler e reler um mesmo texto, ao contrário de outras mídias, faz com que exista uma nova concepção de leitura, a qual propõe – de acordo com os trabalhos de Beatriz Sarlo e Hans Robert Jauss (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.293) –, uma abordagem dos diversos leitores sociais possíveis:

Se entendermos por leitura "a atividade por meio da qual os significados são organizados num sentido", resulta que na leitura - como no consumo - não existe apenas reprodução, mas também produção, uma produção que questiona a centralidade atribuída ao texto-rei e à mensagem entendida como lugar da verdade que circularia na comunicação. (MARTÍNBARBERO, 2008, p.293)

Já que as palavras são mediadoras de si próprias e que o leitor, ao fazer uso do texto, cria seu próprio sentido, é possível analisar o impacto que determinado gênero aliado a uma figura de linguagem pode produzir na recepção do público, dentre elas, a ironia em seu caráter argumentativo. De acordo com José Manuel Vasconcelos Esteves, "toda a ironia é uma mini-dialéctica entre o implícito e o explícito, o dito e o contra-dito, o texto e o contexto, o enunciado e o referente" (ESTEVES, 2009, p.24).

Esta intenção do texto define, portanto, essa independência que possui o leitor. O texto não necessariamente se revela, ele se constrói. "Um texto é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões" (ECO, 2005, p.45); essa descoberta de significados, segundo Eco, está intrínseca a nossa busca por significados terrestres, fazendo parte do homem desde os primórdios, baseado em seu contexto.

A linguagem é incapaz de aprender um significado único e preexistente: o dever da linguagem é, ao contrário, mostrar que aquilo de que podemos falar é apenas coincidência de opostos. A linguagem espelha a inadequação do pensamento: nosso ser-no-mundo nada mais é do que ser incapaz de encontrar qualquer significado transcendental. Qualquer texto, pretendendo afirmar algo unívoco, é um universo abortado, isto é, a obra de um Demiurgo desastrado (que tentou dizer que "isso é isso" e fez surgir, ao contrário, uma cadeia ininterrupta de transferências, em que "isso" não é "isso"). (ECO, 2005, p.45)

O contexto do indivíduo é apresentado por Menocchio como "peneiras", isto é, filtros de uma leitura, a partir dos quais alguma coisa chamaria a atenção do leitor e outra seria ignorada, a interpretação dada ao texto, os possíveis dialogismos (Bakhtin), algo que varia de leitor para leitor.

"Mais importante que o texto é a chave de leitura, a peneira que Menocchio interpunha inconscientemente entre ele e a página impressa: uma peneira que põe em relevo certas passagens e oculta outras, que exasperava o significado de uma palavra isolando-a do contexto, que atuava sobre a memória de Menocchio deformando a própria leitura do texto". A eficácia dessa peneira nos afasta dos textos e nos obriga a mergulhar na memória cultural camponesa, não para encontrar nela o que o moleiro faz dos textos dizerem, mas sim a fonte do conflito que origina o desvio (MARTÍNBARBERO, 2008, p. 105)

Bourdieu analisa as competências culturais através das práticas, do *habitus* de classe que é definido como "o produto da interiorização dos princípios de um expediente cultural,

capaz de perpetuar nas práticas os princípios do expediente interiorizado” (MARTÍNBARBERO, 2008, p. 118). Observando esse *habitus*, torna-se possível a integração das experiências, percepções, apreciações e ações, nas quais se mostram presentes a hegemonia, as expectativas e gostos de segunda classes, limites objetivos e subjetivos que produzem as classes populares.

Um resto: memória da experiência sem discurso, que resiste ao discurso e se deixa dizer só no relato. Resto feito de saberes inúteis à colonização tecnológica, que assim marginalizados carregam simbolicamente a cotidianidade e a convertem em espaço de uma criação muda e coletiva. E um estilo, esquema de operações, modo de caminhar pela cidade, habitar a casa, de ver televisão, um estilo de intercâmbio social, de inventividade técnica e resistência moral. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 122)

A análise desses processos está relacionada à valorização da experiência centrada no indivíduo envolvido em seu contexto social, item fundamental para as mediações culturais. Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg investigam a dinâmica das relações culturais de dentro dos acontecimentos, considerando, assim como Benjamin, a experiência, a sensibilidade e a percepção.

Sobre textos e contextos do século XVI, M. Bakhtin e C. Ginzburg investigam também a dinâmica cultural, mas para estudar não o processo de constituição popular, e sim a configuração a que chegaram essa cultura e seus modos de expressão. Ambos abordam o popular de dentro. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 101)

Bakhtin, investiga “aquilo que na cultura popular, ao opor-se à oficial, une, aquilo que, ao constituí-la segrega” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 101). Para isso, ele irá considerar em seus estudos o espaço próprio, a praça, que seria, na realidade, uma alegoria de representação, na qual as instituições, apesar de presentes através das pessoas, não são participação ativa, podendo-se observar a linguagem nela.

Uma linguagem na qual predominam, no vocabulário e nos gestos, as expressões ambíguas, ambivalentes, que não apenas acumulam e dão vazão ao proibido, mas também, ao operar como paródia, como degradação-regeneração, “contribuíram para a criação de uma atmosfera de liberdade”. Grosseiras, injúrias e blasfêmias revelam-se condensadas das imagens da vida material e corporal, que liberam o grotesco e o cômico, os dois eixos expressivos da cultura popular. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 102)

O jornalismo está inserido em um contexto cultural e social, sobretudo atualmente onde a circulação de informações é tão rápida e presente na vida das pessoas. Além de fazer parte da sociedade, ele se envolve no processo de produção de sentido, já que um texto vai

ser recebido por uma pessoa que irá relacioná-lo ao seu estilo de vida, suas crenças, sua cultura, seu convívio e até mesmo seu bairro.

O estudo nos obriga, então, a deslocarmos o espaço de interesse dos meios para o lugar onde é produzido o seu sentido: para os movimentos sociais e de um modo especial para aqueles que partem do bairro.
(MARTÍN-BARBERO, 2008, p.272)

Para Barbeiro, o bairro será um dos grandes mediadores entre o público e o privado (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 276), por ser considerado um espaço de convívio e de relação familiar. Porém não é somente o bairro o único lugar de convívio e de produção de sentido: escolas e universidades, não em seu sentido institucionalizado, de uma sala de aula, mas quando pensadas em seu convívio e em trocas de experiências também podem ser consideradas espaços de mediação.

A experiência, as peneiras, filtros e contextos fazem parte das ferramentas do dia a dia com as quais lidamos com a produção de notícias e com os argumentos expressos. No caso dessa interpretação em relação à ironia, seu caráter dialético proposital gera, no mínimo, uma dualidade, que pode produzir efeitos variados de interpretação, de acordo com o sentido criado pelo receptor. “Deste modo, a ironia é o jogo do subentendido, do subinteligido, do que só é visível a contraluz” (ESTEVES, 2009, p.24). Segundo Edgar Morin, autor de “O Paradigma Perdido: a natureza humana”, o jogo faz parte de uma das raízes de nossa cultura, porém o curso em jogo não são os resultados e sim as táticas e estratégias empregadas na articulação da ironia e o desempenho total do jogo quando se tem a criação de sentidos.

O jogo de inteligibilidade que a ironia suscita torna-se ainda mais apurado pelo facto dela poder ser exercida por um mero desvio decimal no discurso, quase imperceptível, uma pequena torção, inflexão capaz de perturbar e subverter profundamente; uma infiltração pelo mínimo, capaz de fissurar toda a coesão argumentacional, provocando perplexidade, contradição, controvérsia, paradoxalidade e até mesmo aporia. (ESTEVES, 2009, p.24) A ironia, apesar de representar esse desvio, é responsável pelo paradoxo do texto que expressará alguma indignação, dualidade, polaridade que faz parte de nossa cultura em suas raízes e estão presentes em nossa sociedade.

Toda a linguagem é um processo crescente de implicitação, do qual quer os tropos quer os conceitos são nítidos exemplos. A ironia, enquanto argumentativa, é uma forma peculiar e particular de implicitação, visto que é o implicitar o seu contrário, a sua negação, numa cadeia de associações e relações, cuja verossimilhança ou inverossimilhança é determinante.
(ESTEVES, 2009, p.28)

Porém, a percepção dessa condição paradoxal expressa pela ironia se dá justamente por expor o contrário; negar em busca de trazer a tona junto com o contexto e as escolhas

gramaticais do texto a situação expressa por essa dicotomia. A língua muda com o passar dos tempos, sendo os novos meios e tecnologias os responsáveis pelos efeitos sociais da língua que utilizamos para nos comunicar. Entretanto, é justamente através dessa implicação que as palavras passam a ter, que podemos observar seus efeitos no leitor e como ele lida com as ironias sociais.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho relaciona a atividade de publicar reportagens jornalísticas com o uso da ironia, investigando sua recepção pelo público e seus múltiplos significados construídos nesse processo de mediação.

A matéria escolhida para análise apresenta ironia e propõe uma crítica social em relação à luta de classes: “A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista”. Escrita por Joel Silveira, publicada em 1945, a reportagem narra a saga da “víbora” (apelido de Joel) para apurar o casamento de João Lage com Filomena, filha do conde Francisco Matarazzo Jr, mesmo sem um convite em mãos.

A abordagem exagerada, cheia de detalhes e números sobre o ocorrido que movimentou a cidade e ao final, como se fosse uma pequena nota, o casamento da filha de uma operária, apresentam um contraponto entre duas classes sociais, mesmo que tratando do mesmo ritual social: o casamento.

Para a realização desta pesquisa foi selecionado um grupo composto por cinco universitários – com idades entre 18 e 24 anos – cuja atividade proposta era a leitura da reportagem, sem nenhuma explicação prévia sobre qual tema seria tratado. Posteriormente, através de uma entrevista com cada um dos respectivos entrevistados, foi proposta uma reflexão de forma a extrair sua compreensão sobre a ironia, qual interpretação foi dada e se, de alguma forma, o conteúdo jornalístico irônico contribuiu para a compreensão da dicotomia de classes apresentada por Joel Silveira.

A entrevista tem por objetivo coletar os dados que serão analisados pela pesquisa. As perguntas não têm intenção de induzir a percepção do entrevistado, pois a ideia é realizar uma conversação.

Se uso a palavra "conversação" para lhe dizer, outra vez, que quero falar com você, é porque essa palavra sugere horizontalidade, oralidade e experiência. O que quero dizer a você, então, em primeiro lugar, é que precisamos buscar uma língua que não rebaixe, que não diminua, que não construa posições de alto e de baixo, de superior e inferior, de grande e de pequeno. (LARROSA, 2014, p.71)

Através de um roteiro de orientação, o propósito foi compreender os sentidos criados e quais as referências de capital social e cultural foram utilizadas por cada um dos entrevistados, analisando o texto nos níveis da interpretação em si, do uso e impactos da ironia e da abordagem da temática.

As perguntas envolvendo o nível da interpretação abrangem questionamentos sobre o propósito do texto, tais quais se agrada ou não, se há identificação da presença de contradições, além de como o entrevistado escreveria a mesma reportagem, caso estivesse na situação do repórter.

Já no nível da ironia, caso ela não tenha sido mencionada na interpretação, questiona-se se é identificada a presença de algum recurso estilístico no texto e para que ele seja identificado através de um trecho da reportagem.

Na abordagem temática, a pergunta feita é um exercício imaginativo: ao fazer uma comparação entre os dois casamentos presentes no texto, o entrevistado teria mais chance de ser convidado a buscar compreender como ele enxerga a situação da diferenciação das classes sociais, em qual meio consegue se visualizar e como lida com a temática em seu dia a dia.

O roteiro foi construído com propósito de ser flexível, tendo em vista que as respostas dos entrevistados eram o principal guia de qual pergunta viria a seguir. O áudio das entrevistas foi gravado, porém para efeitos desta publicação, a identidade de todos foi preservada e o áudio não será divulgado.

As respostas obtidas serão objeto da análise da criação do sentido do texto, a interpretação da ironia e de seus efeitos; de qual forma os agentes receptores do conteúdo midiático enxergam aquilo que estão lendo, a fim de propor uma discussão sobre a recepção e com quais filtros sociais e capital cultural a reportagem “A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista” foi recebida.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas, feitas com base nos critérios da teoria das mediações culturais de Barbero, tem com o objetivo compreender de que forma a ironia, proposta através do texto “A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista”, foi compreendida pelos entrevistados permitindo-nos chegar aos seguintes resultados considerando a interpretação, ironia e a temática:

A produção cultural diz muito mais sobre o agregado do que a política. Exemplo disso foi a importância adquirida pelos meios de comunicação, os quais, no âmbito jornalístico,

acabam fornecendo modelos de vida e de comportamento social. Com o advento das redes sociais, os valores e os espaços de socialização são transportados para os meios, fazendo com que as instituições como a família e a escola percam forma devido ao maior espaço quantitativo ocupado por esses outros meios, tornando uma “competição” impossível.

Pois o que está mudando não se situa no âmbito da política, mas no da cultura, e não entendida aristocraticamente, mas como “os códigos de conduta de um grupo ou povo”. É todo o processo de socialização o que está se transformando pela raiz ao trocar o lugar desde o qual se mudam os estilos de vida. “Hoje essa função mediadora é realizada pelos meios de comunicação de massa”. Nem a família, nem a escola - velhos redutos da ideologia - são já o espaço-chave da socialização, “os mentores da nova cultura são os filmes, a televisão, a publicidade”. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.66)

Levando em conta essa relevância que apresentam as mídias na vida das pessoas e destacando essa função do jornalismo, no sentido de como ele é interpretado e como isso é um gerador de espaços de socialização, o texto irônico de Joel Silveira, de acordo com Umberto Eco, somente tem sentido revelado caso o leitor queira participar daquela mensagem, sobre qual seria o seu sentido.

A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido da carta roubada. É preciso querer “vê-la”. Assim, é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor. A iniciativa do leitor consiste basicamente em fazer uma conjectura sobre a intenção do texto. (ECO, 2005, p.75)

Sob análise da teoria das mediações culturais, o leitor faz essa descoberta do texto a partir da sua bagagem cultural, da sua vivência, dos elementos físicos que perpassam a sua vida e sob quais filtros ele enxerga a realidade.

Em relação à interpretação do texto em si, levando-se em conta os apontamentos de Umberto Eco com base na iniciativa do leitor, a maioria dos entrevistados percebe o

elemento da crítica social. De certa forma, essa premissa levantada pelo autor sobre uma possível luta de classes, representada por casamentos, e a forma exagerada como aquilo foi retratado pelo autor, torna-se o primeiro elemento identificado.

Além dessa primeira relação, dois entrevistados consideraram o texto como uma crítica à própria imprensa e à forma como ela se relaciona com os critérios de noticiabilidade; sobretudo por conta da maneira como o casamento pobre foi tratado pelo autor, como uma simples nota ao final da reportagem.

Tal apontamento e o fato de que o próprio autor sequer esteve presente no casamento descrito, na opinião desses dois entrevistados, fortaleceu esse sentimento de crítica em relação ao poder da mídia e como ela trata fatos grandiosos, mesmo nos dias atuais.

Quanto a ironia, esses mesmos dois entrevistados também foram os únicos que disseram sentir a ironia desde o princípio, ao serem questionados classificando o texto como uma “crítica irônica”. Entretanto, ela não foi percebida por todos os entrevistados, sendo que um deles alegou não ter reparado em seu uso, ao ser questionado ao final da entrevista sobre tal recurso estilístico, acreditando que se tratava de duas histórias independentes que estariam sendo apresentadas juntas por acaso.

Com a exceção deste entrevistado, mesmo aqueles que não relataram ter percebido a ironia de princípio, quando questionados sobre o assunto, tiveram comportamento de lembrança da presença de tal elemento textual, o que, segundo todos os entrevistados, agradou durante a leitura e construção do texto.

A ironia não é verdadeira nem falsa, nem postulado de uma ou doutra: ela é a manifestação de um problema e a sugestão permanente de soluções problemáticas para ele. Cada ironia transporta uma carga explosiva de problematização só ativável e resolúvel por uma reformulação do problema, igualmente irônica. (ESTEVES, 2009, p.41)

Como dito acima, a ironia trabalha com uma sugestão de pensamento que relaciona as ambiguidades, manifestando ali um possível pensamento que deverá ser completado pelo leitor. De acordo com Linda Hutcheon (2000, p.28 apud ALAVARCE, 2009, p.19), a questão não é se o leitor vai ou não captar o sentido da ironia e sim qual uso ele fará desse tipo de construção, de que forma ele vai resolver o problema sugerido.

Seguindo esse raciocínio, textos caracterizados pela ambiguidade, pelo paradoxo, pela contradição e pela incongruência convocam o leitor a participar de maneira efetiva da construção de seu sentido, acionando seu “repertório” ou seu “conhecimento de mundo”. (ALAVARCE, 2009, p.19)

Com base no contexto apresentado pela reportagem e utilizando seus conhecimentos de mundo, os entrevistados apontaram como um dos trechos mais irônicos do texto o que trata dos números do casamento, dos convidados, dos gastos, dos presentes.

Não falando, é lógico, nas dádivas especiais que ofertou à sua filha e ao seu genro. Somente um colar de pedras, tremeluzindo no colo de D. Filly, custou 3,5 milhões de cruzeiros. Duas orquestras num total de perto de 150 músicos; caças raras mandadas vir de matas do Paraná; cozinheiros caríssimos (inclusive o mestre-cuca do Automóvel Club); fogos de artifício especiais; o penteador Gervais, que andou distribuindo suas mãos mágicas pelas enternecedoras cabecinhas paulistas (o penteado que ele construiu para a noiva custou 2300 cruzeiros) [...] (SILVEIRA, 2003, p.36)

A forma exagerada e debochada com a qual o assunto foi tratado é um dos principais apontamentos do que seria irônico no texto pelos entrevistados. O uso irônico foi visto pelos entrevistados caminhando para o lado mais do humor do que do escárnio, considerado por

uma entrevistada uma opção mais atrativa. Isso porque, segundo ela, o texto possuía um propósito e ele foi construído de forma a alcançá-lo e um deboche mais grosseiro não teria o mesmo impacto na crítica social.

Nesta estreita relação entre o dito espirituoso, o gracejo humorado, até ao sarcasmo quase cínico, pelos quais sempre se definiu a ironia, numa relação íntima com o humor, qualquer destes casos é determinável como ironia por um quadro de referências e de contrastes, mais ou menos explícitos ou implícitos, gerando qualquer deles um aumento retórico de inteligibilidade no dito ou no escrito e, por isso, um empolamento multiplicativo do argumentável. (ESTEVEES, 2009, p.22)

A ironia apontada como bem-humorada pelos entrevistados, assim como as características do texto que o identificam com o estilo do jornalismo literário provocaram uma espécie de imersão e despertaram a curiosidades deles, no sentido de querer descobrir para onde aquelas descrições levariam. O nível de detalhamento e o bom humor foram fatos que colaboraram para manter a atenção do leitor, fazendo com que os entrevistados se sentissem mais instigados em finalizar a leitura.

Tratando sobre as contradições presentes no texto em si, a primeira resposta identificada foi com relação às características físicas do texto, quanto ao tamanho de páginas e linhas destinado ao casamento da filha do Matarazzo em comparação ao da filha da operária. Segundo os entrevistados, isso evidencia claramente a diferença de importância que se dá a um mesmo evento, em que há uma clara diferença de classes sociais. Para classes sociais diferentes.

No que se refere à abordagem da temática, este é o momento utilizado para descobrir quais elementos os entrevistados utilizaram para criar seu sentido do texto e como se posicionam ao analisar o tema através de sua vida pessoal.

Os apontamentos mais pessoais aparecem com relação a pergunta de para qual casamento seriam convidados: a maior proximidade com o casamento pobre estabelece com quais pessoas os entrevistados convivem ou, ainda, com qual direcionamento estão habituados a lidar com os conflitos sociais e de que forma são tratados nas mídias.

Os entrevistados que já tinham maior proximidade com o tema, seja por uma questão da própria convivência ou pelo interesse pessoal, enxergam a crítica com mais intensidade. Consideram, inclusive, a inserção do segundo casamento como uma espécie de contraponto quanto aos rumos que a história parecia estar tomando.

Aqueles mais ligados à mídia e com certo desejo de justiça social dão mais ênfase ao fato de como a grande mídia costuma retratar esses eventos e como, caso eles se

encontrassem na mesma situação, não teriam a chance de terem atenção dela, não se sentindo representados por ela, portanto.

O entrevistado que não identificou a ironia tem uma visão de mundo mais direta e, ao realizar a leitura da reportagem, analisou-a da mesma forma. Assim, chegou a identificar alguma crítica, não por conta dos recursos estilísticos irônicos aplicados, mas principalmente pelo tamanho do texto, sem considerá-lo como uma construção única por acreditar que se tratavam de assuntos diferentes.

Por este motivo, a linguagem é a consolidação da possibilidade de sermos sujeito, não como detentores de uma realidade, mas como transfiguradores de uma realidade que nos escapa permanentemente, num ponto de fuga, simultaneamente convergente e divergente, que é a linguagem, e que nos torna sempre recém-chegados ao seu domínio, através do qual nos inventamos como seres problemáticos. (ESTEVES, 2009, p.14)

Tanto que, ao se colocarem no lugar do repórter (o de cobrir um casamento da alta sociedade paulistana sem ser convidado) e pensar de que forma construiria seu próprio texto, apurando o possível com as fontes, houve o questionamento se o destaque seria mantido para o casamento rico ou dirigido para o casamento da filha da operária: muitos alegaram que dariam maior ênfase para o casamento pobre, o qual, mesmo não trazendo o mesmo impacto do que obteve o texto original, proporcionaria a possibilidade de representação nesse espaço.

Walter Benjamin, apesar de fazer parte da Escola de Frankfurt, não tinha uma visão tão radical acerca da cultura de massa e da indústria cultural, pois suas reflexões sobre arte e cultura partem de uma investigação no seio dos acontecimentos. Ao propor essas conexões, Benjamin leva em conta a “mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 80), ou seja, para analisar as mudanças socioculturais da época, não opta pela dialética das classes ou da análise aristocrática da cultura, e sim, pela experiência social, pelo *sensorium*.

Essa valorização da experiência traz a singularidade das pessoas e da época, além de ser capaz de elucidar de forma mais complexa o que se passa nas massas, o que é consumido por elas e como. Pessoas diferentes fazem usos, interpretam e ao mesmo tempo em que estão isoladas, invariavelmente fazem parte da massa.

Para Benjamin, pelo contrário, pensar a experiência é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica. Não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar sua experiência. Pois, em contraste como o que ocorre na cultura culta, cuja chave está na obra, para aquela outra chave se acha na percepção e no uso. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 80)

Benjamin vai procurar respostas em lugares tidos como “incomuns” e com o auxílio da arte, seja ela da literatura ao cinema, vai em busca dessas conexões. Ele parte de um método sem forma definida e chega a um lugar muito mais próximo da compreensão do que do julgamento.

Benjamin se propõe então a tarefa de pensar as mudanças que configuram a modernidade a partir do espaço da percepção, misturando para isso o que se passa nas ruas com o que se passa nas fábricas e nas escuras salas de cinema e na literatura, sobretudo na marginal, na maldita. (MARTÍNBARBERO, 2008, p. 81)

Essa valorização da experiência citada por Benjamin vai de encontro a uma das buscas da teoria da mediação cultural, que trata justamente da valorização do protagonismo do leitor. Além deste enfoque, o estudo da recepção da ironia traz essa necessidade de saber qual uso foi feito desta ambiguidade, sendo os conceitos não mais sobre se a mensagem ou a ironia foi compreendida ou não, mas sim como e de que forma essa compreensão se deu. Cada entrevistado, ao receber o texto, viu-se como o repórter na busca de informações, como um dos convidados ou como moradores da cidade em que o casamento ocorreria; e a ironia apresentada por Joel Silveira em “A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista” permitiu-os fazer uso desse acontecimento, dos lugares e das pessoas, trazendo isto para um contexto atual ao utilizar-se de suas vivências.

De acordo com os apontamentos de Umberto Eco, não é possível descobrir as reais intenções do autor, porém isso não é o objetivo de uma interpretação. As palavras são mediadoras de si, assim como o autor que as escolheu utilizou de seus filtros e conhecimentos para fazê-lo, com intenções – indubitavelmente –, porém, sem saber como aquilo irá atingir o público final, o qual inicia mais uma vez um processo de mediações se tornando protagonista e transformando aquela realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos apresentados na elaboração do presente artigo consistiam em analisar através de entrevistas como a ironia aplicada ao jornalismo era recepcionada. Os critérios de análise seguiram a teoria das mediações culturais, no sentido de reconhecimento do papel ativo do leitor na construção do sentido do texto e que não existem interpretações erradas e sim maneiras de interpretar uma mensagem.

A ironia em si, já é um recurso estilístico que por conta de suas características já exige do leitor que ele se posicione e se reconheça naquela mensagem decifrando seu ponto de vista. Dessa forma, a teoria das mediações aplicada a ironia no jornalismo tem o objetivo de saber como e através do que se deu a interpretação da reportagem proposta.

Os resultados alcançados são condizentes com os objetivos propostos, comprovando a teoria de Jesús Martín-Barbero ao identificar os filtros utilizados pelos entrevistados mostrando que cada interpretação possui nuances, não existe cálculo possível para medir em que grau aquela ironia foi entendida e sim qual o significado, a relevância e o posicionamento pessoal diante de uma provocação estabelecida através da ironia em uma reportagem que trata de conflitos sociais e como eles são representados pela mídia.

6. REFERÊNCIAS

ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações**: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

ESTEVES, José Manuel Vasconcelos. **Ironia e argumentação**. Portugal, Covilhã: LabCom, 2009.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SILVEIRA, Joel. **A milésima segunda noite da avenida Paulista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Contatos: juliafirmino97@gmail.com e marcelojose.lope@mackenzie.br